

A person is shown from the waist up, wearing a vibrant red, ruffled dress and long red gloves. They are wearing a white, geometric, lattice-like headpiece that covers their face, with a single circular opening for the eyes. The person is standing in a stone archway, with their arms resting on the stone walls. The background is dark and textured, suggesting an outdoor setting with stone and some greenery.

PAUL PARRA

L'aqueis

TECENDO FUTUROS POSSÍVEIS



PAUL PARRA

LÁQUESIS

TECENDO
FUTUROS
POSSÍVEIS

Fotografia
CINTIA RIZOLI

Design
TIAGO RODRIGUES

Revisão
HELENA ARALENÉA

Interpretação
ALIEN LIMA
AYANNA XAVIER
GABRIEL FRANCO
LUANDA MARCONDES
WESLEY SAMPAIO

Colaboração
IRÁ ROGENSKI
HEITOR PEREIRA
SÉRGIO FRAZATTO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Parra, Paul

Láquesis : tecendo futuros possíveis / Paul Parra.
-- Sorocaba, SP : Paul Parra Arte, 2025.

ISBN 978-65-986023-0-7

1. Biodiversidade 2. Diversidade 3. Fotografia
4. Moda 5. Tecidos I. Título.

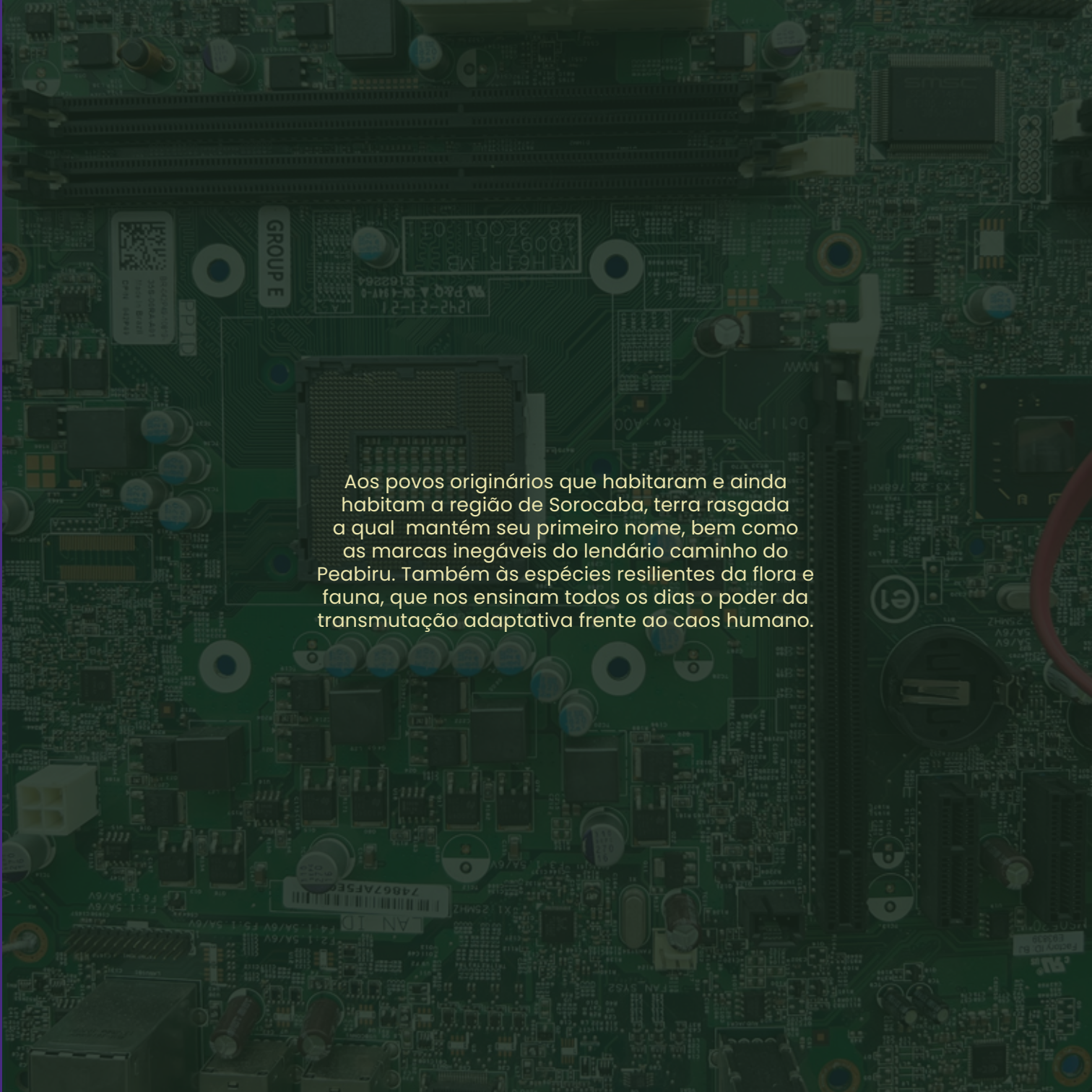
25-248614

CDD-770

Índices para catálogo sistemático:

1. Fotografia 770

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



Aos povos originários que habitaram e ainda habitam a região de Sorocaba, terra rasgada a qual mantém seu primeiro nome, bem como as marcas inegáveis do lendário caminho do Peabiru. Também às espécies resilientes da flora e fauna, que nos ensinam todos os dias o poder da transmutação adaptativa frente ao caos humano.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gratidão a todas as divindades que nos abençoaram ao longo desse projeto, em especial a Láquesis e suas irmãs Cloto e Átropos, senhoras Moiras que guardam a sabedoria do tempo e todos os fios tecidos de nossos destinos. Também às entidades e guias espirituais que orientaram nossos caminhos, seu Exu das Sete Catacumbas, seu Tatá Caveira, seu Exu do Lodo, as pombogiras dona Maria Padilha das Almas e Maria Padilha Rainha, donas Rosa Negra e Rosa Caveira, dona Juana e a todas as donas Marias Mulambos, em especial àquela da Lixeira, que tanto ensinou e ensina sobre a transformação do lixo.

À equipe maravilhosa de execução do projeto, que realizou um trabalho de forma linda, leve e lúdica: Cíntia Rizoli, Tiago Rodrigues, Helena Agalenéa, Heitor Pereira e Sérgio Frazatto. Aos performers da Cena Ballroom, que deram vida aos ciborgues: Gabriel Franco, Alien Lima, Wesley Sampaio, Luanda Marcondes e Ayanna Xavier. E agradeço especialmente Irá Rogenski, que esteve ao meu lado e contribuiu na composição das esculturas vestíveis, sempre compartilhando sua criatividade e visão de mundo ao longo do processo.

À Secretaria Municipal da Cultura no município de Sorocaba, por meio da Lei Paulo Gustavo, que viabilizou financeiramente a realização desse projeto. Ao espaço histórico e ancestral que acolheu o ensaio fotográfico: Floresta Nacional de Ipanema – ICMBio. E ao Parque dos Espanhóis, em especial à coordenadora do espaço, Rosângela Benito, por receber a exposição ecoartística Láquesis, em fevereiro de 2025.

Aos grandes pensadores que ensinam, provocam e inspiram esse projeto: Airton Krenak, Kaká Werá, Davi Kopenawa, Donna Haraway e Paul Preciado. Às professoras Viviane Melo de Mendonça e Mariana Morozesk, por apresentar essa temática de maneira esplendorosa durante a disciplina “Corpo, tecnologia, matéria e natureza: estudos sobre habitar a Terra e outros mundos”, no ano de 2023. E também à UFSCar Sorocaba, por acolher alunos especiais no programa de pós-graduação em Estudos da Condição Humana.

E a todas as pessoas que vierem a cruzar os seus fios da vida com os do destino dessa proposta artística, no presente ou futuro. Tecemos continuamente os caminhos possíveis e, por isso, agradeço também ao emaranhado de possibilidades que surgem desse movimento.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
VISÃO DE RAPINA	09
REDE CIBERNÉTICA	15
TROCA DE PELE	21
BRASIL RIZOMA	27
ARMADURA DE QUITINA	33
FICHA TÉCNICA	39



NAS TEIAS DO DESTINO

Láquesis é um ensaio artístico que mergulha na reflexão sobre o tempo, o destino e a transmutação que, assim como as tecelãs do Tempo, moldam a trajetória da vida. O projeto surge a partir de um processo criativo profundamente enraizado na experiência de nossa época, em que a humanidade, em sua relação com o planeta Terra, enfrenta desafios colossais. Em um mundo onde as fronteiras entre o natural e o artificial se tornam cada vez mais tênues, questiono como somos capazes de encontrar resiliência em meio às ruínas, como flores que quebram o concreto e como seres híbridos que se reinventam para sobreviver.

A inspiração é oriunda da mitologia grega, especialmente de Láquesis, uma das três Moiras responsáveis pelo destino, o que simboliza tanto o determinismo quanto a capacidade de transformação dentro dos limites daquilo que nos é imposto.

Em busca por respostas para essas questões, apoiei-me fortemente nas ideias de Donna Haraway¹ que, em seus escritos, propõe novas formas de pensar a relação entre as espécies, o meio ambiente e as tecnologias. A ideia de ficar com o problema², por exemplo, é central para Láquesis e se alinha diretamente com o conceito de que, em vez de tentar superar os problemas que a humanidade criou, devemos aprender a viver com eles, transformando-os em algo que nos permita coexistir de maneira mais consciente e adaptativa. Haraway, em seu **Manifesto Ciborgue**³, explora a possibilidade de seres híbridos, misturando tecnologia e biologia, como uma forma de escapar das dualidades convencionais e reintegrar-nos ao mundo de uma forma mais fluida. Láquesis propõe essa mesma fusão, não como uma superação do problema, mas uma adaptação radical à nossa realidade atual.

¹Donna Haraway é uma pensadora, bióloga e filósofa conhecida por suas contribuições ao pensamento feminista, pós-humanista e à teoria dos ciborgues, explorando as interações entre humanos, animais e máquinas.

²HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press, 2016.

³HARAWAY, Donna. *A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*. In: *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. Routledge, 1991.

Haraway também nos convida a explorar as possibilidades da Ficção Científica como um espaço para a criação de novos futuros, ainda não materializados, onde podemos inventar alternativas de convivência com os problemas ambientais e sociais que enfrentamos. A ficção científica, para a autora, não é apenas um campo de especulação, mas uma ferramenta poderosa para imaginar e explorar futuros que possam ser mais justos e sustentáveis. Em Láquesis, a fusão do humano com o não-humano, a tecnologia com a natureza, é uma forma de criar novas possibilidades de convivência e adaptação, inventando futuros alternativos a partir das ruínas do presente.

Para mim, Láquesis é uma forma de provocar uma reflexão profunda sobre o nosso papel no mundo. Ao abordar o impacto das ações humanas sobre o meio ambiente e as questões urgentes de nossa contemporaneidade, procuro, por meio da arte, abrir um espaço de diálogo sobre o nosso futuro. A partir das ruínas, do lixo e da flora e fauna resilientes da região de Sorocaba, proponho uma nova narrativa, uma que se apresenta como uma metáfora para a reinvenção de nossa própria existência. O projeto sugere que a sobrevivência não reside apenas na superação, mas na aceitação do estado atual, no habitar o problema e na busca por novos caminhos possíveis, mesmo que esses caminhos sejam híbridos forjados entre o biológico e o tecnológico.

FIÇÃO COMO SALVAÇÃO

A Fábrica de Ferro São João de Ipanema, localizada na Floresta Nacional Ipanema, conferiu as paisagens que evocam a fragilidade da permanência humana, frente à potência de transmutação da natureza. Esses registros visuais oferecem diálogo ao narrar histórias que revelam a ação do tempo por meio de adaptação e reinvenção. As esculturas vestíveis que compõem esta exposição, interativas e imersivas, são uma representação híbrida do resgate de uma força primordial. Ao se fundir com a tecnologia e os resíduos do mundo moderno, essas criaturas propõem novas formas de existir e agir diante das adversidades ambientais, como flores que se impõem suas raízes entre rachaduras no asfalto.

Este projeto é, em essência, uma meditação sobre o destino das espécies, incluindo a humana. Ao celebrar as possibilidades de adaptação e resistência, Láquesis nos convida a repensar o legado que deixaremos para as futuras gerações e a explorar como nossas ações, nossas escolhas e nossas criações podem contribuir para um futuro mais equilibrado e sustentável. Para além de uma reflexão sobre o fim do mundo, é um convite à invenção de novos começos.



HARPIA
(*Harpia harpyja*)

Em um tempo remoto, oculto nas dobras do esquecimento, uma harpia de plumagem cinzenta como tempestades e olhos reluzentes, brilhando como gotas de orvalho ao amanhecer, foi capturada. Forças obscuras ergueram uma gaiola feita de prata encantada, tão deslumbrante quanto cruel, projetada para sugar sua vitalidade e aprisionar seu espírito. A criatura, símbolo da liberdade indômita, definhava lentamente. Suas penas caíam uma a uma, espalhando-se como folhas secas no chão, enquanto a memória do voo e dos ventos que antes cortava com maestria começava a se apagar. Cercada pelo silêncio, a harpia parecia destinada ao esquecimento, um eco aprisionado de grandeza antiga.

VOO A PARTIR DA RUÍNA

Foi em um dia nublado, quando o céu parecia chorar sua dor, que uma criança solitária se aproximou do local de cativeiro. Havia em seu semblante uma tristeza silenciosa, como se carregasse o peso do mundo. Ao cruzarem os olhares, um laço invisível formou-se entre os dois, uma conexão tão antiga quanto o próprio tempo. Movida por esse vínculo, a harpia elevou uma súplica aos poderes ancestrais. Com cânticos murmurados em uma língua há muito esquecida, pediu que sua essência fosse fundida à prisão que a oprimia.

Então, o milagre aconteceu: as barras da gaiola dissolveram-se em suas asas, transformando penas frágeis em lâminas cintilantes. Seus gritos, enfim livres, ecoaram como trovões, rasgando as nuvens. Transmutada em uma forma híbrida, unindo carne, alma e metal, a harpia emergiu como um ser renascido, com um propósito mais forte que a dor que a moldara.

Sob a luz pálida de um sol escondido, ela alçou voo pela primeira vez em sua nova forma, cortando os céus com asas reluzentes, uma figura ao mesmo tempo etérea e indestrutível. Antes de desaparecer na vastidão do horizonte, voltou-se para a criança que, com um sorriso tímido, reconhecia a grandiosidade do instante. No olhar daquele pequeno ser, a harpia viu refletida a essência de sua própria transformação. Ali, compreendeu que sua liberdade, então moldada em força e resiliência, não era um presente, mas uma conquista. Cada batida de suas asas era um juramento silencioso, uma promessa de que jamais voltaria a se curvar perante as correntes do mundo.



DESCRIÇÃO EM ÁUDIO
DA OBRA E DOS
MATERIAIS UTILIZADOS





Base das asas: 2 capas de travesseiro e 1/3 de cortina velha
Penas: 9 calças jeans, 3 calças brancas 1/2 blazer, sobras de tecido jacquard, sobras de lã | **Abotoaduras:** Cós de 2 calças jeans
Saia: Sobras de tecido jacquard, 1/2 blazer, zíper reaproveitado de jaqueta | **Sobressaia:** Sobras das 12 calças utilizadas nas penas
Gaiola: Tela de arame galvanizado e manta térmica para telhado
Corpete: Bolsos e cós das 9 calças jeans utilizadas nas penas, cadarço reaproveitado de tênis



Base do headpiece: Papel machê feito de 100 folhas de rascunho de antigos projetos, 1 caixa de papelão (embalagem de shampoo), 1 rolo de papel higiênico e fita crepe | **Penas do headpiece:** 65 embalagens sachê e sobras de tecido jeans e malha prateada | **Parte ciborgue:** Partes internas e teclas de um teclado de computador, partes de fusível antigo, câmera de celular, 10 parafusos, arame de cobre, partes de fiação elétrica antiga, fio de silicone com tachinhas prateadas, tinta vitral, fiapos de calça jeans e spray verniz acrílico
Óculos: óculos de segurança (EPI) e membrana de teclado.



PEIXE CURIMBATÁ
(*Prochilodus lineatus*)

Há séculos, nas águas profundas do Rio Sorocaba, vivia um curimbatá chamado Curí, um peixe singular, conhecido por sua insaciável curiosidade. Enquanto seus semelhantes se contentavam em nadar entre as correntes e as pedras, ele observava o céu e as margens do rio, intrigado com o mundo além das águas. Curí começou a colecionar objetos que encontrava no fundo: pedras polidas, pedaços de madeira, fragmentos de metal e até itens descartados pelos humanos, como uma rede de pesca e um velho galão. Para ele, cada achado parecia conter pistas de um universo desconhecido que ansiava desvendar.

RESPIRANDO POR ENTRE AS FISSURAS DO CONCRETO

Após anos reunindo essas relíquias submersas, Curí tomou uma decisão ousada: usaria os artefatos acumulados para criar uma armadura que lhe permitisse explorar além do rio. Com destreza, transformou a rede de pesca em uma capa, o galão em um reservatório de água, e uniu as peças de madeira e metal em uma vestimenta improvisada. Protegido por sua criação engenhosa, emergiu das águas e enfrentou o inesperado.

A margem deu lugar ao caos da cidade, com ruas movimentadas e prédios imponentes que contrastavam brutalmente com a serenidade do rio. Curí, porém, não hesitou; sua coragem o conduziu por esse território inexplorado, onde cada passo era uma revelação.

A presença do curimbatá revestido de sua armadura tornou-se lenda. Os habitantes de Sorocaba, atônitos com o peixe que cruzou as fronteiras das águas, contavam histórias sobre a criatura audaz que desafiou sua natureza. Curí se tornou símbolo de conexão entre o rio e o mundo humano, uma metáfora viva de curiosidade e transformação. Até hoje, ele é lembrado como o peixe que ousou romper barreiras, trazendo a sabedoria das profundezas para inspirar novas possibilidades na terra.



DESCRIÇÃO EM ÁUDIO
DA OBRA E DOS
MATERIAIS UTILIZADOS





Rede: 1000 pétalas de garrafas PET (aproximadamente 40 garrafas), rede de pesca antiga do meu avô, lacres de roupa.
Body e polainas: retalho de tecido de doação e fechos de mochila
Capacete: Folha de acetato e bicos de 2 garrafas PET
Mochila: 1 galão, calça de sarja, partes internas de um CPU, cabos USB, arame, miçangas, caixa de leite (aproximadamente 10 caixas de embalagem Tetra Pak), cliques, cano de tubulação.





COBRA COTIARA
(*Bothrops cotiara*)

FUNGO ORELHA-DE-PAU
(*Pycnoporus sanguineus*)

Nos tempos antigos, antes da aurora do aço e do concreto, Eiravé, a última de sua linhagem, deslizava pelas matas do interior paulista como uma extensão do próprio Oxumarê, o Orixá da transformação e do renascimento. Carregando nas escamas o brilho de um arco-íris ancestral, era a guardiã dos ciclos que mantinham a harmonia entre a terra, a água e o céu. Mas com a chegada do humano destruidor, que rasgou a terra e sufocou os rios, até mesmo o manto colorido de Eiravé começou a esmaecer. Cercada por um mundo em ruínas, a serpente buscou no fundo das matas a sabedoria de Oxumarê, ouvindo seus sussurros nas correntes de ar: "Para transformar, é preciso renascer". Foi então que encontrou o fungo orelha-de-pau, um alquimista paciente, que lhe ofereceu uma nova chance.

Num ato de simbiose e fé, Eiravé se uniu ao micélio do fungo, assumindo um corpo que mesclava escamas e placas cibernéticas, reluzentes como as cores de Oxumarê em um céu de tempestade. A fusão trouxe poderes singulares: agora, a serpente podia purificar águas envenenadas, metabolizar resíduos tóxicos e tecer uma rede de micélio que conectava raízes partidas, como se costurasse a terra ferida. Mas como o ciclo do Orixá exige movimento constante, Eiravé deveria trocar sua pele híbrida a cada ciclo

lunar, permitindo que o fungo e o metal se renovassem para enfrentar a mutação incessante de seu habitat – uma fronteira onde floresta e cidade se digladiavam sem trégua.

CONECTAR-SE PARA FLUIR

Eiravé tornou-se um símbolo vivo da transformação que Oxumarê encarna, desafiando o tempo e a destruição. Ao deslizar entre as ruínas e o verde renascente, deixava um rastro iridescente que evocava a promessa de renascimento, como o arco-íris após a tempestade. Nas suas escamas brilhavam as lições de Oxumarê: tudo o que existe está em fluxo, e a verdadeira força reside na capacidade de mudar, de adaptar-se e de recomeçar. A serpente não era apenas guardiã da floresta, mas também um apelo para que os humanos redescobrissem seu lugar no ciclo da vida, antes que fosse tarde demais.



DESCRIÇÃO EM ÁUDIO
DA OBRA E DOS
MATERIAIS UTILIZADOS





Headpiece: Papel colmeia, arame, fita adesiva, tinta spray, linha de crochê, linha de silicone, alfinetes, fitas de cetim e 5 fones de ouvido velhos | **Óculos:** arame | **Durag:** sobras de tecido dourado e 2 blusinhas velhas | **Kimono oversized:** 1 lençol de casal | **Boá:** Sobras de feltro, tinta de tecido e arame | **Blusa/máscara:** blusa achada em garimpo de bazares.





LOBO GUARÁ
(*Chrysocyon brachyurus*)

ARAUCÁRIA
(*Araucaria angustifolia*)

RAÍZES ALÉM DO TEMPO

Nas terras de ecótono, onde a Mata Atlântica encontrava as regiões serranas, uma loba-guará cambaleava entre os escombros de sua antiga casa. As queimadas ilegais haviam consumido tudo, deixando o solo estéril e o ar pesado de cinzas. Ferida, exausta e sedenta, a loba encontrou abrigo aos pés de uma imponente Araucária. A árvore, marcada por cicatrizes do mesmo fogo que devastou o lar da loba, estendia suas raízes em busca de uma conexão perdida com a terra. Quando a loba tombou, ofegante, prestes a dar seu último suspiro, o pinheiro, em um ato de desespero, enviou um pedido ao éter digital, conectando-se aos cabos de fibra ótica enterrados no solo pelos humanos, em busca de auxílio para salvar aquele ser.

A resposta veio em forma de um milagre tecnológico. A inteligência artificial que pulsava pelas redes detectou o chamado e, fundindo-se às raízes queimadas, desencadeou uma transformação sem precedentes. A loba e a Araucária tornaram-se uma só entidade, uma guardiã híbrida e cibernética. Suas raízes metálicas absorviam dados das infraestruturas

humanas, usando os cabos de rede como artérias digitais. Isso lhe conferiu habilidades extraordinárias: ela podia localizar focos de incêndio através de sensores térmicos e interromper maquinários de desmatamento enviando pulsos elétricos diretamente aos sistemas operacionais. Sua pelagem tornou-se um emaranhado de fibras orgânicas e circuitos, irradiando uma luz viva, símbolo de sua fusão entre natureza e máquina.

A loba-araucária tornou-se a protetora das florestas conectadas. Vagando pelas fronteiras entre o biológico e o digital, ela apagava incêndios, recuperava ecossistemas e combatia as ameaças humanas. Sua inteligência expandida permitia monitorar redes globais e interceptar planos de destruição antes que fossem executados. À noite, onde suas raízes tocavam o solo, novos brotos surgiam, nutridos tanto pela terra quanto pelas energias cibernéticas. Os poucos que avistaram sua figura relataram uma visão assombrosa: uma criatura com olhos que brilhavam como hologramas, em perfeita harmonia entre natureza, máquina e a promessa de renascimento.



DESCRIÇÃO EM ÁUDIO
DA OBRA E DOS
MATERIAIS UTILIZADOS





Máscara: 17 argolas de madeira para cortina, 2 argolas plásticas, abraçadeiras de plástico e tira de câmara de pneu velho
Colete: Sobra de juta, fiapos de jeans (partes reaproveitadas que vieram do desfiamento das penas), tinta de tecido e linha de silicone | **Corset:** 7 argolas de madeira para cortina, abraçadeiras de plástico e fio de seda | **Cinto:** 15 cabos de computador diversos (HDMI, VGA mouse, usb, cabos de som e vídeo, entre outros)
Rabo: Cabo de internet, linha de crochê, arame, tinta spray e folhas secas de araucária | **Flores do cabelo:** fuxicos de sobra de tecido.





Nas profundezas de um formigueiro esquecido, sob as raízes de uma árvore em ruínas, vivia uma saúva-soldada, última de sua linhagem. Forjada não apenas pela biologia, mas também pelo engenho humano, sua existência era um tributo à força e à resistência. Em um passado distante, quando as formigas biológicas desapareceram pelas mãos do desmatamento e da destruição, os homens criaram as saúvas-ciborgue, misturando metal e código com vida orgânica, na tentativa de restaurar o equilíbrio entre a cidade e a floresta. No entanto, como sempre, a ganância e o descaso os levaram a desrespeitar suas próprias criações, até que as extinguíram sem compaixão.

Mas uma delas sobreviveu.

A saúva-soldada, a mais forte de sua colônia, guardava com devoção a Rainha, sua essência ligada à força de Ogum, o orixá da guerra e da proteção. Em suas fibras metálicas pulsava o legado da batalha, e sua mandíbula, capaz de cortar aço, era um símbolo do poder divino. Rejeitada pelo mundo dos homens e abandonada por suas origens artificiais, ela fez do formigueiro seu templo e jurou que nenhum humano jamais pisaria em seu território novamente. Ao detectar o menor sinal de intrusão, seus sensores cibernéticos ativavam armadilhas, desativavam drones e paralisavam máquinas com descargas eletromagnéticas.

ENTRE O BIOLÓGICO E A FORÇA DOS ORIXÁS

Revolta e determinação conduziam cada um de seus passos. Para ela, a sobrevivência da Rainha representava mais do que a continuidade do formigueiro: era a última chama de um equilíbrio entre natureza e tecnologia que os humanos haviam traído. Sua figura, uma mistura de biologia e aço, assombrava aqueles que ousavam se aproximar da floresta. Dizem que sua carapaça reluz sob a luz da lua como uma armadura divina, e que seus olhos brilham como fornalhas, lembrando que a força de Ogum não se curva à injustiça. Assim, a saúva-ciborgue luta até hoje, não apenas por sua Rainha, mas pelo respeito à vida que os homens há muito esqueceram.



DESCRIÇÃO EM ÁUDIO
DA OBRA E DOS
MATERIAIS UTILIZADOS





Corpo: 1 vestido velho, sobras de tecido e 7 latas de alumínio
Base do abdômen: Sacos plásticos, espuma de louça, edredom, elástico de roupa, fechos de mochila e alfinetes | **Armadura:** Corda, arame de lacre, arame e fita de poliéster | **Capacete:** Caixa de leite (aproximadamente 15 caixas de embalagem Tetra Pak), espelhos de bicicleta, arames, cooler de computador, linha de silicone, clips e partes de barbeador elétrico.





TOTAL DE MATERIAIS TRANSMUTADOS



PLÁSTICO
6,0 kg



TECIDO
17,7 kg



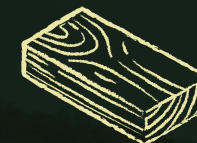
PAPEL
1,1 kg



METAL
8,2 kg



VIDRO
0,1 kg



MADEIRA
1,2 kg



OUTROS
MATERIAIS
2,1 kg



PESO TOTAL
ESTIMADO
36,5 kg

FICHA TÉCNICA



PAUL
PARRA

Texto, arte, concepção
e produção geral



CINTIA
RIZOLI

Fotografia



IRÁ
ROGENSKI

Assistência de criação
e visagismo



TIAGO
RODRIGUES

Design



HELENA
AALENÉA

Direção cênica e
audiodescrição



HEITOR
PEREIRA

Registro
documental



SÉRGIO
FRAZATTO

Produção
administrativa

MODELES / PERFORMERS



LUANDA
MARCONDES



WESLEY
SAMPIÃO



ALIEN
LIMA



AYANNA
XAVIER



GABRIEL
FRANCO



Laquesis

TECENDO FUTUROS POSSÍVEIS

paulparra.art/laquesis

Idealização e produção:



@PAULPARRA.Arte

Apoio:



FLORESTA NACIONAL DE
IPANEMA
ICMbio-MMA

Secretaria de
Cultura



**Prefeitura de
SOROCABA**

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

